

As bibliotecas imaginárias dos tradutores de Machado de Assis: o caso de “O espelho” em francês

Machado de Assis tem uma íntima relação com a tradução. Ele traduziu do inglês, do espanhol e também do francês, traduzindo autores como La Fontaine, Lamartine e Musset. Por outro lado, Machado também está traduzido para dezenas de línguas. Na França, foi traduzido pela primeira vez, em 1910, por Adrien Delpech e a última tradução de um texto seu, publicada em 2010, foi realizada por Jean Briant. Uma dessas traduções chamou mais especialmente minha atenção: a do conto “O espelho, esboço de uma teoria sobre a alma humana” realizada por Maryvonne Lapouge-Petorelli, e publicado pela editora Métailié, em 1997. Chamou minha atenção porque desencadeou a lembrança de vários autores franceses, não apenas porque os motivos da alma humana e do espelho são frequentes em literatura, mas também porque abrange a chamada “biblioteca imaginária do tradutor”. Essa expressão emprestada de André Malraux, calcada no seu “museu imaginário”, e retomada pelo biógrafo francês de Machado, Jean-Michel Massa, quando, referindo-se ao autor de *Dom Casmurro*, trata das “bibliotecas imaginárias” dos tradutores.

A dificuldade de tradução deste conto está, a meu ver, na fronteira entre o tom realista e o tom de fábula, de uma narrativa semi-histórica, semi-inventada, que é o tom do “fantástico”. Segundo o *Trésor de la langue française*, o fantástico refere-se ao gênero literário ou artístico que evoca temas sobrenaturais, seres irreais, fenômenos sobrenaturais.¹ De fato, lemos em Machado certo classicismo, embora ele tenha instaurado uma ruptura e inovado com um novo realismo, vacilando em torno do fantástico. Por um lado, os primeiros índices de tradução do início do século XX na França o mostram como um autor realista, ao passo que em “O espelho”, por exemplo, traduzido tardiamente, no fim do século 20, se aproxima a algo de um autor, em certos aspectos, mais

“fantástico”. Portanto, as dificuldades e sutilezas para o tradutor seria revelar, ou não, os ecos no texto original das suas próprias referências.

Observemos um trecho-chave do tom fantástico², no momento em que o personagem se encontra sozinho na propriedade isolada no campo e atormentado por angústias, na tradução de Maryvonne Lapouge-Petorelli, no livro *Histoires étranges et fantastiques d’Amérique Latine*, reunindo vários escritores da América do Sul, publicado pela editora Métailié, em 1989 e publicado novamente em *La montre en or*, pela mesma editora, em 1998.

<p>MA (1889)</p> <p>O sono dava-me alívio, não pela razão comum de ser irmão da morte, mas por outra. Acho que posso explicar assim esse fenômeno: o sono, eliminando a necessidade de uma alma exterior, deixava atuar a alma interior. Nos sonhos, fardava-me, orgulhosamente, no meio da família e dos amigos, que me elogiavam o garbo, que me chamavam de alferes [...] Mas quando acordava, dia claro, esvaía-me com o sono, a consciência do meu ser novo e único, - porque a alma interior perdia a ação exclusiva, e ficava dependente da outra, que teima em não tornar... Não tornava.</p>	<p>MLP (1998)</p> <p>Le sommeil m’apportait un soulagement, non en vertu de l’adage qu’il est frère de la mort, mais en raison d’un autre phénomène que je peux, je crois, expliquer de la sorte : le sommeil, parce qu’il éliminait la nécessité d’une âme extérieure, laissait à l’âme intérieure le loisir de se manifester. Dans mes rêves, je revêtais mon uniforme, tout imbu de moi-même, au milieu des miens et de mes amis, qui me complimentaient, invoquaient mon titre [...] lorsque je m’éveillais, le soleil déjà haut, en même temps que le sommeil, la conscience de ce nouvel être, incomparable, s’évanouissait - parce que l’âme intérieure perdait sa primauté, elle redevenait dépendante de l’autre, qui s’entêtait à ne pas revenir... qui ne revenait pas.</p>
---	--

A tradutora MLP torna repetidamente o texto mais literário, substituindo certas imagens como “dia claro” por pequenas perífrases como “le soleil déjà haut”, ou alonga as frases quando Machado as comprime: “Acho que posso explicar assim esse fenômeno (...)”, traduzido por “(...) mais en raison d’un phénomène que je peux, je crois, expliquer de la sorte (...)”. Mesmo com a preocupação de restituir “a letra” do texto, ou seja, sua forma e seu “espírito”, como diria Antoine Berman, ela

acaba, entretanto, reconstituindo o texto de maneira elegante e procedendo a pequenas mudanças de ritmo em função do público francês.

Apesar dos elementos históricos presentes, a distância com o realismo é afirmada na tradução, onde parece haver ecos do *Horla* de Maupassant. De fato, o escritor francês, contemporâneo de Machado, escreve *Le Horla*³ em 1887, que foi publicado, junto com outros contos, reunido numa coletânea intitulada “Contos cruéis e fantásticos”⁴. O conto é similar a “O espelho”, de Machado, publicado 1882, com o qual é possível encontrar numerosos paralelos. Em primeiro lugar, há semelhança na descrição do espelho: (no *Horla*): “Derrière moi une très grande armoire à glace qui me servait chaque jour pour me raser, pour m’habiller, où j’avais coùtume de me regarder de la tête aux pieds chaque fois que je passais devant.”⁵ Em segundo lugar, os dois contos aludem a duas naturezas (a alma exterior e a alma interior).

<p>MA (1889)</p> <p>Convém dizer-lhe que, desde que ficara só, não olhara uma vez para o espelho. Não era ostentação deliberada, não tinha motivo; era um impulso inconsciente, um receio de achar-me um e dois, ao mesmo tempo, naquela casa solitária; e se tal explicação é verdadeira, nada prova melhor a contradição humana, porque no fim de oito dias deu-me na veneta de olhar para o espelho com o fim justamente de achar-me dous.</p>	<p>Tradução MLP (1999)</p> <p>Je dois préciser que pas une fois, depuis que j’étais resté seul, je n’avais regardé le miroir. Il n’y avait à cela aucune raison ; c’était une impulsion inconsciente, la crainte de me retrouver un et deux en même temps, dans cette maison solitaire ; et si telle est la bonne explication, rien ne prouve mieux la contradiction humaine, puisqu’au bout de huit jours la bizarrerie me prit à regarder dans le miroir dans le dessein, justement, de me voir deux. Je regardai et je reculai. La glace elle-même était donc en connivence avec le reste de l’univers ?</p>	<p>Maupassant, 1^{ere} version “ Le Horla “ (1886)</p> <p>2^{eme} version (1887)</p> <p>Je me dressai, en me tournant si vite que je faillis tomber. Et bien !... On y voyait comme en plein jour... et je ne me vis pas dans la glace ! Elle était vide, claire, pleine de lumière. Mon image n’était pas dedans... Et j’étais en face... Je voyais le grand verre limpide du haut en bas ! Et je regardais cela avec des yeux affolés, et je n’osais plus avancer, sentant bien qu’il se trouvait entre nous, lui et qu’il m’échapperait encore, mais que son corps imperceptible avait absorbé mon reflet. [...]</p>
---	---	---

<p>Olhei e recuei. O próprio vidro parecia conjurado com o resto do universo; não me estampou a figura nítida e inteira, mas vaga, esfumada, difusa, sombra de sombra. A realidade das leis físicas não permite negar que o espelho reproduziu-me textualmente, com os mesmos contornos e feições; assim devia ter sido. Mas tal não foi a minha sensação. Então tive medo, atribuí o fenômeno à excitação nervosa em que andava; receei ficar mais tempo, e enlouquecer. Vou-me embora, disse comigo.</p>	<p>Elle me renvoya une silhouette non pas nette et entière, mais vague, diffuse, estompée, l'ombre d'une ombre. La prégnance des lois physiques ne permet pas de nier que le miroir me reproduisit textuellement ; il ne pouvait en être autrement. Mais telle ne fut pas mon impression. De sorte que je pris peur ; j'attribuai le phénomène à l'excitation nerveuse dans laquelle je me trouvais ; et je m'effrayai à l'idée de rester plus longtemps et de devenir fou. Je m'en vais, me dis-je.</p>	<p>Mais voilà que tout à coup, je commençais à m'apercevoir dans une brume au fond du miroir, dans une brume comme à travers une nappe d'eau ; et il me semblait que cette eau glissait de gauche à droite, lentement, rendant plus précise mon image de seconde en seconde. C'était comme la fin d'une éclipse. Ce qui me cachait ne paraissait point posséder de contours nettement arrêtés, mais une sorte de transparence opaque s'éclaircissant peu à peu. (p. 418)</p>
--	--	--

Se observarmos esses trechos postos lado a lado, constatamos que em Maupassant trata-se de uma presença estrangeira (“Le Horla”, dito de outro modo, é o “le hors là”, ou seja, o de fora, em oposição ao de dentro, e, paralelamente em Machado, à alma exterior/interior) que levaria à loucura. Os mesmo elementos estão presentes em Machado e Maupassant: o espelho como elemento central, a angústia da solidão, o sono e a presença, ou ausência, de um corpo estrangeiro. “Le Horla” age “durante o sono” em Maupassant e em Machado também: “o sono, porque me ele me trazia alívio etc”. Outra semelhança: o espelho no Horla não reflete; e em Machado ele reflete uma imagem imprecisa, a absorção do corpo e da alma (por uma presença estrangeira) ou a ausência de alma interior dominada pela alma externa (em Machado e também no Horla).

Além desses elementos narrativos similares e uma trama comparável, do ponto de vista da tradução, constatamos ainda uma semelhança considerável no tom utilizado por MLP e Maupassant. Uma passagem mostra como o personagem descobre o reflexo:

MA (1889) [...] deu-me na veneta de olhar para o espelho com o fim justamente de achar-me dous.	MLP (1989) [...] la bizarrerie me prit à regarder dans le miroir dans le dessein, justement, de me voir deux. Je regardai et je reculai.	Maupassant (1883) Et je regardais cela avec des yeux affolés, et je n’osais plus avancer, sentant bien qu’il se trouvait entre nous, lui et qu’il m’échapperait encore [...]
--	---	---

Outra frase, em que ele descobre o reflexo no espelho indistinto⁶, reaparece, assim como a bruma, comparável à água. Vejamos o trecho:

MA [...] não me estampou a figura nítida e inteira, mas vaga, esfumada, difusa, sombra de sombra.	MLP [...] elle me renvoya une silhouette non pas nette et entière, mais vague, diffuse, estompée, l’ombre d’une ombre.	Maupassant [...] je commençais à m’apercevoir dans une brume au fond du miroir, dans une brume comme à travers une nappe d’eau.
--	---	--

Ao deixarem de existir as leis físicas, o realismo se afasta, então, definitivamente do gênero e os traços do fantástico persistem:

MA A realidade das leis físicas [...] (p. 186)

MLP La prégnance des lois physiques [...]

Maupassant : [...] C’était comme la fin d’une éclipse [...]

“La prégnance des lois physiques” como tradução de “a realidade das leis físicas” lembra a imagem do eclipse, como fenômeno astronômico. Mais adiante, a física trai o homem, imaginando presença inexistente. A alusão à alma dupla é apresentada em Machado e Maupassant, quando este evoca a hipnose: “Elle subissait un vouloir étranger, entré en elle, comme une autre âme parasite et dominatrice.”⁷ Machado, por sua vez, fala de “prégnance des lois physiques”. Esses traços do fantástico perduram, e é por isso que o texto de Machado resvala para esse gênero, ou seja, do imaginário ligado ao sobrenatural: a física inquieta o personagem machadiano atormentado por alucinações, e como no “Horla”, sua imagem desaparece diante deste, e disso decorre a mesma descrição feita do medo em ambos narradores.

MA Mas tal não foi a minha sensação. Então tive medo. (p. 270)

MLP Mais telle ne fut pas mon impression. De sorte que je pris peur ; [...]

M Mais voilà que tout à coup, je commençais à m'apercevoir [...] Comme j'eus peur !

Assinalemos a similitude do ritmo das frases, do tom e do ambiente instaurado. Acredito existir, uma assimilação de Maupassant, na tradução de Philéas Lebesgue de outro conto do Machado: "O enfermeiro". Após o crime, Procópio acredita ver testemunhas:

MA (1898)	AD (1910)	PL (1911)
Só então posso dizer que pensei claramente no castigo. Achei-me com um crime às costas e vi a punição certa. Aqui o temor complicou o remorso. Senti que os cabelos me ficavam de pé. Minutos depois, vi três ou quatro vultos de pessoas , no terreiro, espiando, com um ar de emboscada; recuei, os vultos esvaíram-se no ar; era uma alucinação. p. 161.	Je puis dire que ce fut à cet instant seulement que je pensai au châtiement. Je me vis avec un crime et une condamnation certaine sur les bras. Alors, la crainte compliqua le remord. Je sentis mes cheveux se dresser. Puis, au bout de quelques minutes, j'aperçus trois ou quatre formes humaines qui m'épiaient de la terrasse, où elles semblaient se tenir en embuscade. Je reculai : les formes s'évanouirent ; c'était une hallucination. p. 108.	Je m'accoudai là quelques temps, regardant la nuit, me forçant à repasser toute ma vie afin d'échapper à la douleur présente. Mais alors je me mis à penser clairement à la punition et la crainte compliqua le remords. Je sentis mes cheveux se dresser. Puis je distinguai trois ou quatre fantômes , m'épiant de la terrasse comme en une embuscade. Je reculai, ils s'évanouirent dans l'air ; c'était une embuscade. p. 102.

Na primeira tradução, de Adrien Delpech, trata-se, quando muito, de "formas humanas"; Philéas Lebesgue já usa "fantômes", lembrando claramente o fantasma do "Horla", aproximando-se assim, por sua conotação fantástica, de Maupassant.

Ademais, o escritor francês faz referência ao Rio de Janeiro, a cidade de origem da doença transportada pelo navio observado pelo personagem principal. Citamos aqui o trecho:

Et voici, Messieurs, pour finir, un fragment de journal qui m'est tombé sous la main et qui vient de Rio de Janeiro. Je lis : " Une sorte d'épidémie de folie semble sévir depuis quelques temps dans la province de San Paulo. Les habitants de plusieurs villages se sont sauvés abandonnant leurs terres et leurs maisons et se prétendant poursuivis et mangés par des vampires invisibles qui se nourrissent de leur souffle pendant leur sommeil et qui ne boiraient, en outre, que de l'eau, et quelques fois du lait. J'ajoute : Quelques jours avant la première atteinte du mal dont j'ai failli mourir, je me rappelle parfaitement avoir vu passer un grand trois-mâts brésilien avec son pavillon déployé... Je vous ai dit que ma maison est au bord de l'eau... toute blanche... Il était caché sur ce bateau sans doute... par un remorqueur, gros comme une mouche, et qui râlait de peine en vomissant une fumée épaisse, défila devant ma grille. Après deux goélettes anglaises, dont le pavillon rouge ondoyait sur le ciel, venait un superbe trois-mâts brésilien, tout blanc, admirablement propre et luisant. Je le saluai, je ne sais pourquoi, tant ce navire me fit plaisir.⁸

As datas da publicação da primeira versão do "Horla", com o título "A carta de um louco" (1885), e segunda versão (1887) são posteriores à data de publicação do "Miroir" (1882), e não se sabe se o fato de o Rio de Janeiro estar presente no conto é um sinal de que Maupassant teria lido Machado. Mas podemos supor que a tradutora MLP pensou no "Horla" ao traduzir "Le Miroir".

A questão da "biblioteca imaginária" do tradutor, no meu entender, está ligada à reflexão de Borges sobre a tradução literária apresentada no texto: "As duas maneiras de traduzir" (1926)⁹. Nessa reflexão, Borges diferencia duas maneiras dominantes: a clássica e a romântica. Para a primeira, toda obra literária pertence à história da literatura, e importa mais que o autor; para ela, a literatura se torna anônima e de todos: essa maneira privilegia a perífrase. A segunda maneira, a romântica, considera o autor mais importante que a obra; essa maneira privilegia a tradução literal.

Essa reflexão mostra que Borges tem uma concepção clássica da literatura, próxima à imitação (o que acontece em vários personagens dele como Pierre Menard). Essa ideologia considera o texto como rascunho, o que significa que a versão original sempre pode ser melhorada por um escritor ou por um tradutor, como base em outra interpretação.

Notas

1. <http://atilf.atilf.fr/dendien/scripts/tlfiv5/visusel.exe?11;s=1286850105;r=1;nat=;sol=0;>
2. Machado de Assis, *Melhores contos*. São Paulo: Global, 1983, p. 30.
3. *Histoires étranges et fantastiques d'Amérique latine*. Paris: Métailié, 1989, p. 454.
4. Maupassant, Guy de. *Contes cruels et fantastiques*. Paris : La pochothèque, Livre de Poche, 2004.
5. “Atrás de mim, um enorme armário contendo um espelho do qual eu me servia todos os dias para me barbear, para me vestir, ou para me olhar da cabeça aos pés cada vez que passava diante dele.” (minha tradução)
6. Em “O Espelho” de Guimarães Rosa, o reflexo desaparece completamente como em Maupassant. Porém, o paralelo com Machado é evidente, visto que G. Rosa fala de “face externa” aludindo à alma exterior. Observemos os trechos: “Je conclus que, comme diverses composantes s’interpénètrent pour déguiser notre visage externe, mon problème serait de le bloquer à un blocage ‘visuel’ [...] Simplement, je vous dirai que je me regardai dans une glace et ne me vis pas. Je ne vis rien. [...] N’avais-je pas des formes, un visage ?” (Tradução de Inês Oseki-Dépré, *Primeiras Estórias*, Paris: Métailié, 1982. p. 85).
7. “Ela sofria um desejo estranho, tendo apropriado-se dela, como outra alma, como outra alma parasita e dominadora.” (minha tradução). “Le Horla” (segunda versão, 199) Maupassant, em *Le Horla et autres contes cruels et fantastiques*. Paris : Classiques Garnier, 1989, p. 440.
8. Em *Le Horla et autres contes cruels et fantastiques*, Classiques Garnier, Edition MC Bancquart, 1989, p. 412.
9. Jorge Luis Borges, “Les deux manières de traduire”. Cf. *Œuvres complètes*, Paris: Gallimard, Collection La Pléiade, 1993, p. 906.

Referências

- Borges, Jorge Luis. *Œuvres complètes I*, Paris: Éditions Gallimard, Collection La Pléiade, 1993, pp. 906-909.
- Machado de Assis. “O espelho, esboço de uma nova teoria sobre a alma humana”, in *Papeis avulsos*. Rio de Janeiro: Garnier, 1882.
- Machado de Assis. *Histoires étranges et fantastiques de l'Amérique Latine*, “ Le Miroir ou l'ébauche d'une théorie sur l'âme humaine ”, de Machado de Assis, tradução de Maryvonne Lapouge- Pettorelli. Paris: Métailié, 1989.
- Machado de Assis. *La Montre en or*, traduzido do português por Mayvonne Lapouge-Pettorelli. Paris: Métailié, 1998.
- Maupassant, Guy de. *Le Horla et autres contes cruels et fantastiques*. Paris : Classiques Garnier, Editora Bancquart, 1989.
- Massa, Jean-Michel. *Machado de Assis tradutor*, tradução de Oséias Silas Ferraz. Belo Horizonte: Crisálida, 2008.
- Nunes, Benedito & Motta, Sérgio Vicente. *Machado de Assis e a crítica internacional*. São Paulo: Editora UNESP, 2009.